

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 34 No. 2 Maio – Agosto 2021

ARTIGO

OFICINAS COM ARGILA E PEDAÇOS DE POTE: APROXIMAÇÕES ATRAVÉS DA EXPERIMENTAÇÃO DE TÉCNICAS TRADICIONAIS E DE ANÁLISE CERÂMICA NO RIO MADEIRA

Silvana Zuse*

RESUMO

O artigo apresenta oficinas de extroversão da variabilidade nas tecnologias cerâmicas no rio Madeira, em diferentes comunidades ao longo do rio. Através da manipulação da argila, temperos, pigmentos e instrumentos, as pessoas escolhem materiais, técnicas e formas e experimentam modos de fazer tradicionais. Manipulando os pedaços de pote, elas observam e identificam as escolhas de pasta, acabamentos de superfície e morfologias, fotografam, desenharam e reconstituem formas, aproximando-se da pesquisa arqueológica em laboratório. Essas atividades, além de divulgar a Arqueologia, promovem aproximações através de reflexões sobre as continuidades entre o passado arqueológico e histórico e o presente, de ressignificações de noções evolucionistas e homogeneizadoras de cultura e patrimônio, de novos sentidos e relações com as coisas arqueológicas e do cotidiano, e do respeito à diversidade cultural.

Palavras-chave: tecnologias cerâmicas; diversidade cultural; arqueologia pública.

* Universidade Federal de Rondônia - Departamento de Arqueologia. E-mail: silvanazuse@unir.br.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7466-3064>

WORKSHOPS WITH CLAY AND POT PIECES: APPROXIMATIONS THROUGH EXPERIMENTATION OF TRADITIONAL TECHNIQUES AND CERAMIC ANALYSIS ON THE MADEIRA RIVER

ABSTRACT

The article presents workshops on extraversion of variability on ceramic technologies in the Madeira River, located in different communities along the river. Through the manipulation of clay, temper, pigments and instruments, people choose materials, techniques and shapes to experiment with traditional ways of making. By manipulating the pieces of the pot, they observe and identify the paste choices, surface treatment and morphologies; they photograph, draw and reconstruct shapes, approaching archaeological research in the laboratory. These activities, in addition to promoting Archeology, make feasible approximations, through reflections on the continuities between the archaeological and historical past and present, reinterpretations of evolutionary and homogenizing notions of culture and heritage, new meanings and relationships with archaeological and everyday things, and respect for cultural diversity.

Keywords: ceramic technologies; cultural diversity; public archaeology.

TALLERES CON ARCILLA Y PEDAZOS DE VASIJAS: ENFOQUES A TRAVÉS DE LA EXPERIMENTACIÓN DE TÉCNICAS TRADICIONALES Y ANÁLISIS CERÁMICO EN RÍO MADEIRA

RESUMEN

El artículo presenta talleres de extroversión de la variabilidad en tecnologías cerámicas en el río Madeira, en diferentes comunidades a lo largo del río. Mediante la manipulación de arcilla, aditivos, pigmentos e instrumentos, las personas eligen materiales, técnicas y formas y experimentan con modos de hacer. Manipulando los pedazos de vasijas, observan e identifican las opciones de pasta, acabados de superficie y morfologías, fotografían, dibujan y reconstruyen formas, acercándose a la investigación arqueológica en el laboratorio. Estas actividades, además de promover la Arqueología, promueven aproximaciones, a través de reflexiones sobre las continuidades entre el pasado arqueológico e histórico y el presente, reinterpretaciones de nociones evolutivas y homogeneizadoras de cultura y patrimonio, nuevos significados y relaciones con lo arqueológico y cotidiano, así como lo respeto por la diversidad cultural.

Palabras-clave: tecnologías cerámicas; diversidad cultural; arqueología pública.

INTRODUÇÃO

O rio Madeira é formado no encontro dos rios Mamoré e Beni, os quais recebem os rios Guaporé e *Madre de Dios* respectivamente. É o maior afluente da bacia do rio Amazonas em descarga líquida e sólida. Seu curso corre pelos estados de Rondônia e do Amazonas, sendo chamado Alto rio Madeira o trecho encaixado e encachoeirado, entre a sua formação e proximidades da cidade de Porto Velho. Suas margens foram continuamente ocupadas por populações indígenas desde o Holoceno inicial, com datações mais antigas de 9.400 e 7.760 AP nas cachoeiras do Teotônio e de Santo Antônio (Figura 1). Solos antropogênicos, também conhecidos como “terras pretas de índio”, associados a materiais líticos e vestígios botânicos diversificados, ocorrem desde 7.740 AP na cachoeira de Santo Antônio e desde, aproximadamente, 6000 AP na margem esquerda da cachoeira do Teotônio (TIZUKA, 2013; MONGELÓ, 2015, 2019, 2020; WATLING *et al.*, 2018, 2020; NOLETO, 2020).

Nos quatro últimos milênios, as margens e ilhas do rio Madeira foram ocupadas por povos ceramistas. O estudo das escolhas tecnológicas nas cadeias operatórias de confecção e uso dos artefatos (LEMONNIER, 1992, 1993; SCHIFFER; SKIBO, 1997; SILVA, 2000, 2016; DAVID; KRAMER, 2001) tem identificado as permanências e as mudanças nas escolhas culturais, evidenciando uma grande variabilidade nas tecnologias cerâmicas (MILLER, 1987, 1992; ALMEIDA, 2013; ZUSE, 2014, 2016; ZUSE *et al.*, 2020; PESSOA, 2015; PESSOA *et al.*, 2020; COSTA, 2016; COSTA; GOMES, 2018; KATER 2018, 2020; BESPALAZ *et al.*, 2020; NEVES *et al.*, 2020). As pesquisas têm mostrado que os lugares foram sucessivamente ocupados ao longo do tempo, como indica a sobreposição de cerâmicas associadas a dois ou mais conjuntos tecnológicos na estratigrafia das escavações, e/ou distribuídos em áreas específicas. Em torno de 1000 anos atrás, populações indígenas que elaboravam cerâmicas associadas a quatro tradições tecnológicas distintas ocupavam a região, caracterizando um contexto regional multicultural (Tabela 1).

Conjuntos tecnológicos	Datações
Pocó-Açutuba	3250 ± 30 a 1.434 ± 27 AP
Morro dos Macacos	1.810 ± 40
Barrancóide/Borda Incisa	1600 ± 30 a 760 ± 40 AP
Jamari	1300 AP a 660 ± 40 AP
Dionísio	1.005 ± 26- 882 ± 25
Tradição Polícroma da Amazônia	1250 a 370 ± 40 AP

Tabela 1. Conjuntos tecnológicos cerâmicos identificados no alto rio Madeira (ALMEIDA, 2013; ZUSE, 2014; COSTA, 2016; ZUSE *et al.*, 2020; KATER, 2020; NEVES *et al.*, 2020; PESSOA *et al.* 2020)

Os relatos de viajantes engenheiros, militares e missionários, especialmente no século XVIII, em meio a disputa pela exploração dos territórios indígenas por parte das coroas ibéricas, descrevem ocupações densas de populações que falavam diversas línguas. O sudoeste amazônico é uma das regiões da Amazônia com maior diversidade linguística e

cultural, com povos das línguas Tupi, Arawak, Pano, Txapakura, Mura e outras (LEITE, 1943; NIMUENDAJU, 1982, 2002; MENENDEZ, 1992; LEONEL, 1985; AMOROSO, 1992; CREVELS; VAN DER VOORT, 2008; PESSOA; COSTA, 2014). A linguística histórica situa o centro de origem dos povos falantes do tronco Tupi nessa região, devido à alta concentração e diversidade de famílias linguísticas (RODRIGUES, 2011; NOELLI, 1996; SILVA; NOELLI, 2017; CORREA, 2014). O rio Madeira, assim como o Purus, Xingu e *Madre de Dios*, é apontado como um importante caminho fluvial nas redes de interações nas quais os povos Arawak estavam envolvidos (HECKENBERGER 2001, 2002; HILL; SANTOS GRANERO, 2002; HORNBERG; HILL, 2011; ERIKSEN, 2011; HORNBERG; ERICKSEN, 2011).

Frequentemente as práticas arqueológicas se embasam na ruptura da continuidade histórica, relacionando as culturas a um passado remoto, supostamente alcançável somente através da arqueologia. Nessa perspectiva, essas culturas estariam associadas a indígenas do pretérito, desconectadas e isoladas do tempo presente, não possuiriam relação de continuidade temporal com os povos contemporâneos (GNECCO; ROCABALO, 2010). Na Amazônia, trajetórias histórico-culturais específicas são marcadas por continuidades e transformações culturais, sendo estas mais relacionadas às dinâmicas do contato intercultural que às rupturas entre o passado e o presente (HECKENBERGER, 2001, 2002; NEVES, 1998; SILVA; NOELLI, 2017).

A região Amazônica é caracterizada pela grande diversidade cultural, com povos indígenas, comunidades ribeirinhas, quilombolas, que no presente estabelecem distintas relações, explicações e interpretações a respeito dos materiais e sítios arqueológicos as quais deveriam ser integradas na pesquisa e gestão, buscando promover uma preservação mais participativa, simétrica e descolonizante do patrimônio arqueológico (BEZERRA, 2011, 2017; CABRAL *et al.*, 2018; PEREIRA, 2019).

É muito comum as comunidades não serem consideradas durante a pesquisa arqueológica por supostamente não terem uma relação direta com o registro arqueológico do seu território. Porém, essas comunidades têm suas histórias específicas e estabelecem distintas relações com o registro arqueológico – como de identificação ou de conflito – que devem ser incorporadas nas pesquisas, nas suas autodefinições e nos seus territórios, para que não sejam homogeneizadas e deixadas à margem da tomada de decisões (ROCHA *et al.*, 2014). Nesse sentido, é importante salvaguardar não somente os objetos e informações da pesquisa arqueológica, mas também as suas biografias, as histórias das pessoas e das comunidades em que os materiais arqueológicos são escavados (PEREIRA, 2019). Quando se trata de locais com toponímias bastante definidas e fortemente associadas à história e ao território das pessoas, é importante que a memória e a história das comunidades sejam consideradas no registro dos sítios arqueológicos e na sua documentação (ROCHA *et al.*, 2014; PEREIRA, 2019).

No estado de Rondônia, onde está situado o alto curso do rio Madeira, as pesquisas arqueológicas, iniciadas nos anos 1980 (MILLER, 1987, 1992), se intensificaram muito na última década, principalmente no licenciamento ambiental (BERTOLO, 2014). A identificação, escavação e análise de sítios arqueológicos por profissionais da área ocorreu concomitantemente ao afastamento dos coletivos dos seus territórios e de seus referenciais simbólicos, sociais e econômicos, tendo em vista os impactos causados pelos projetos de desenvolvimento de infraestrutura, principalmente as usinas hidrelétricas. Somado a isso, as coleções arqueológicas provenientes das pesquisas efetuadas até o momento em Rondônia estão, na grande maioria, inacessíveis à sociedade, tanto pelo fato de estarem salvaguardadas em outros estados do Brasil quanto pela falta de políticas públicas que fortaleçam as instituições de Guarda e Pesquisa e Museus locais e regionais (PESSOA, 2012; RUFINO, 2015; SILVA, 2015, 2016; BERTOLO, 2017; CABRAL *et al.*,

2018; INÁCIO *et al.*, 2020). Como lembra Wichers (2013-2014, p. 24), “a musealização do patrimônio arqueológico deve ocorrer em espaços onde coleções e narrativas arqueológicas sejam apropriadas enquanto recursos impulsionadores de discussões e reflexões críticas acerca dos processos econômicos e sociais contemporâneos”, incluindo discussões sobre patrimônio e desenvolvimento.

A formação de profissionais em Arqueologia – desde a criação do curso de Graduação em Arqueologia, no ano de 2009, na Universidade Federal de Rondônia (UNIR) (PENIN *et al.*, 2011) – e o envolvimento desses profissionais, durante a graduação, nos projetos de pesquisa e gestão das coleções têm sido fundamentais na comunicação da Arqueologia e nas aproximações com os coletivos que possuem distintas relações com um patrimônio arqueológico bastante diversificado. Nesse sentido, está em andamento, desde 2016, o projeto de extensão Arqueologia e Comunidades no rio Madeira, Porto Velho/RO¹, com objetivos de estreitar as interações com as comunidades associadas aos sítios arqueológicos pesquisados e compreender as relações das pessoas com a Arqueologia e o patrimônio arqueológico. No decorrer dos últimos anos, foram desenvolvidas reuniões e entrevistas com pessoas que moram junto ou próximo aos sítios arqueológicos, oficinas de grafismos com pigmentos, escavação simulada, gincana da Arqueologia, oficinas com argila e de análise de cerâmicas, especialmente com o público escolar das comunidades (Figura 1; Tabela 2).

Para Bezerra (2003, p. 286), no Brasil as pessoas não participam da construção da memória e da identidade, as quais foram forçadas, desde o início da colonização europeia, sobre a ideia de homogeneidade, de unidade, camuflando os conflitos e as diferenças, apagando as singularidades dos povos indígenas. Nas palavras da autora supracitada (p. 287), “a parte da memória que se encerra no patrimônio arqueológico é um potente instrumento de resistência à homogeneização de nossas diversidades, à unificação das nossas culturas e à fragmentação de nossas raízes”.

Bruno (2009, p. 18) nos fala sobre a importância da atuação das instituições museológicas nos diferentes contextos socioculturais com abordagens para “o despertar das sensações de pertencimento, a explicitação da importância do respeito à diversidade e a indicação sobre os vetores que nos levam a compreender a alteridade cultural”. Para a autora, os estudos de cultura material são importantes na construção da historicidade e temporalidade dos percursos, territórios, tradições, nas resistências, rupturas e na complexidade da história cultural brasileira. Esses estudos “colaboram com a educação dos sentidos, o aprimoramento do olhar, da percepção e da elaboração da lucidez reflexiva” (BRUNO, 2009, p. 25).

Nesse sentido, a extroversão dos bens arqueológicos tem grande potencial na abordagem da antiguidade das ocupações e da diversidade cultural. Os vestígios arqueológicos são “indicadores que nos ajudam a compreender questões relevantes inerentes à temporalidade e à territorialidade, como também, contribuem na caracterização de questões identitárias, permitindo a expansão dos cenários dos territórios de memórias” (BRUNO, 2013-2014, p. 8).

Por esse ângulo, as oficinas com argila e de análise de fragmentos cerâmicos buscam promover não somente a divulgação da prática arqueológica e dos resultados das pesquisas que evidenciam a grande diversidade cultural no rio Madeira desde períodos antigos, mas também envolver as pessoas, através dos sentidos e do olhar, da percepção e experimentação, na reflexão e crítica sobre as noções homogeneizadoras de identidade

¹ Desenvolvido no Departamento de Arqueologia (DARQ) do Núcleo de Ciências Humanas (NCH), conta com apoio da Pró-Reitoria de Cultura, Extensão e Assuntos Estudantis (PROCEA/UNIR), através do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEC).

e memória e em relação aos contextos e situações de violência, intolerância, negação, extorsão, racismo e preconceitos diversos, promovidos e disseminados nos projetos de “povoamento”, integração, nacionalização, pacificação e conquista dos territórios no longo processo de colonização. Manipulando o barro, dando forma aos objetos, decorando-os, as pessoas experimentam e, muitas vezes, relembram e transmitem histórias e saberes tradicionais, ressignificam memórias. Tocando e descrevendo os fragmentos cerâmicos, identificando suas características, observando as variações, elas percebem os modos de fazer, as tradições e a diversidade cultural.

OFICINAS COM ARGILA E COM OS “PEDAÇOS DE POTE” OU FRAGMENTOS CERÂMICOS

Após diversos avisos de Cladeilson – morador de Cujubim, distrito do baixo Madeira –, trazidos por sua sobrinha Fernanda, acadêmica do curso de Arqueologia, de que fragmentos e potes caíam no barranco do rio Madeira, fomos até o local em uma manhã de março de 2015. Passara-se um ano desde a grande enchente do rio Madeira e as casas ainda preservavam a marca da lama que as inundou. Cladeilton nos levou de Cujubim até o sítio arqueológico, na propriedade do seu Donza, na outra margem, descendo o rio, na comunidade de Itacoã (Figura 1). Antes da partida, o morador expôs, na voadeira, pedaços dos potes que coletou, já sendo levados pelo rio.

O sítio arqueológico Donza foi pesquisado nas disciplinas práticas de campo do curso de Arqueologia, assim como o Santa Paula, localizado na outra direção, a montante da cidade de Porto Velho, onde fomos recebidos, em diversas campanhas, pelo seu Leo e pela Dona Antônia (*in memoriam*). Este é caracterizado pela presença de terra preta, descrita nos relatos dos viajantes desde o século XVIII. As pesquisas arqueológicas evidenciam que o local foi ocupado há 1600 anos atrás (ZUSE *et al.*, 2020; BESPALÉZ *et al.*, 2020), e permaneceu ocupado até o período recente, quando os moradores tiveram que abandonar o local e ir para um reassentamento, após a construção da usina.

Já os pedaços de potes e as urnas funerárias do sítio Donza eram reconhecidos por muitos moradores quando passavam de barco ou visitavam o local. O diálogo com essas pessoas na comunidade de Aliança, onde foram residir após a grande enchente de 2014, revela que os potes “são dos índios antigos”, além de fazer emergir lembranças sobre a fabricação de potes por suas avós, conectando histórias e memórias. Portanto, as oficinas sobre as técnicas tradicionais cerâmicas buscam despertar olhares, compreender as relações das pessoas e dos pesquisadores com esses materiais e promover reflexões sobre histórias, tradições e identidades.

Neste artigo trazemos experiências com públicos de diversas localidades associadas ao rio Madeira: na cidade de Porto Velho, nas comunidades Vila Nova do Teotônio e Nazaré, em Rondônia, e na cidade de Humaitá, estado do Amazonas (Figura 1). Entre as oficinas, dez envolveram a experimentação de técnicas tradicionais cerâmicas, utilizando argila e outros materiais, e duas abordaram a análise de materiais cerâmicos, reproduzindo métodos e técnicas de laboratório no estudo das coleções. As ações ocorreram entre 2016 e 2020, com pessoas de diversas faixas etárias, desde crianças da pré-escola e séries iniciais e finais do ensino fundamental, estudantes do ensino médio e tecnológico até estudantes universitários e adultos moradores da cidade e de distritos de Porto Velho (Tabela 2).

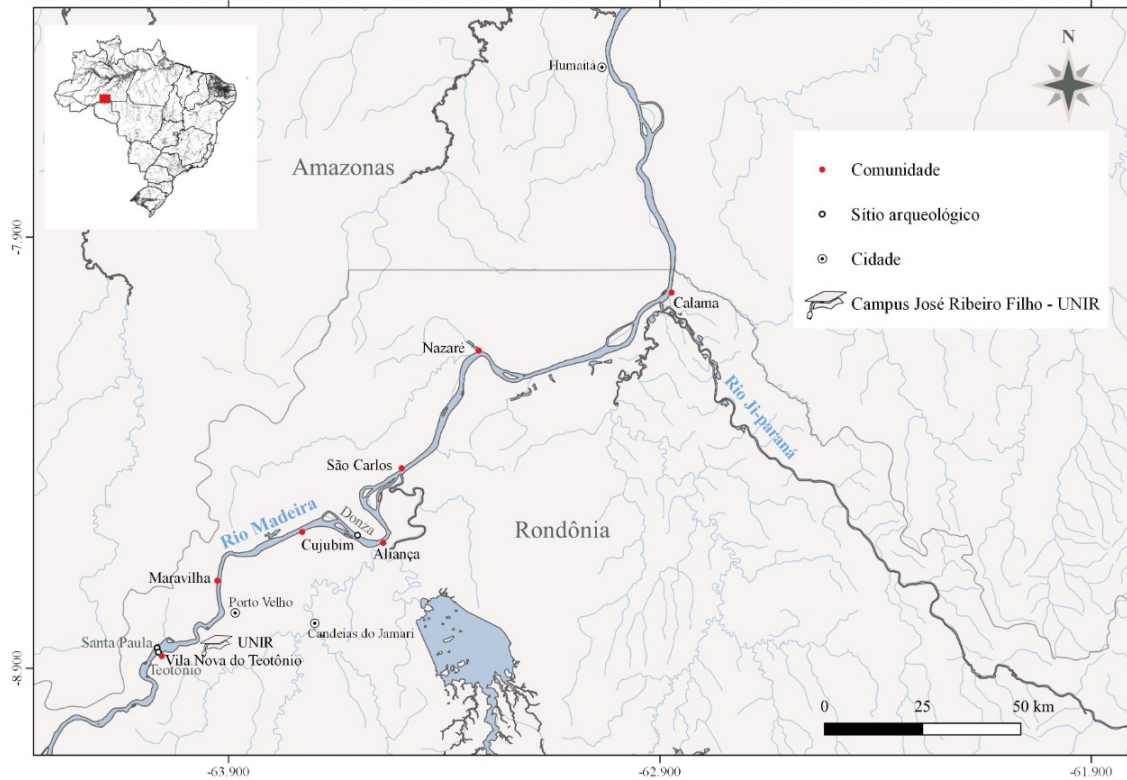


Figura 1. Mapa com a localização dos sítios arqueológicos e comunidades citadas no texto (Elaboração: Cliverson Pessoa, 2020)

Nome	Local	Data	Idade	N.
Brincando com barro! Entre cacos e criações: descobrindo técnicas cerâmicas com inspiração arqueológica	Casa de Cultura, Porto Velho/RO	28/04/2016	Acima de 15 anos	25
“Oficina com argila” (I e II)	Escola, Vila Nova do Teotônio	31/05/2016 24/06/2016	04-07 e 08-11 anos	36
Do barro aos potes: experimentando técnicas indígenas na elaboração de vasilhas cerâmicas (I e II)	IFAM, Humaitá/AM	01/09/2017	Acima de 15 anos	51
Amassa o barro, mistura o caraiapé, prepara o cauixí	Maravilha, Porto Velho/RO	26/10/2017	Acima de 18 anos	28
Atividade Interativa na Exposição “Memórias do Rio, paisagens no Madeira”	Museu, Porto Velho/RO	07/11/2016 a 01/03/2017	Variada	Não identificado
Bora ali, no laboratório: uma experiência de análise com cerâmicas arqueológicas do rio Madeira”	Campus UNIR, Porto Velho/RO	08/11/2018	Acima de 18 anos	15
Vamos analisar: uma experiência com cerâmicas arqueológicas em laboratório	IFAM, Humaitá/ AM	27/11/2018	Acima de 15 anos	23

Moldando no Barro nossa memória ancestral	Nazaré, Porto Velho/RO	24/09/2019	Acima de 7 anos	27
Oficina com argila: trocas e experiências sobre técnicas tradicionais ceramistas	Campus UNIR, Porto Velho/RO	06/12/2019	Acima de 4 anos	22
Conversa sobre técnicas tradicionais cerâmicas com manipulação de argila	Acesso pelo link ²	06/08/2020	Variada	26

Tabela 2. Relação das oficinas, local, data e público

As oficinas são iniciadas com uma parte expositivo-dialogada, seguida de atividades práticas. Também é feita uma mostra de cerâmicas e líticos da região e algumas vezes são expostas fotos de vasilhas cerâmicas, fixadas em um varal no local da experimentação. A maioria das oficinas teve entre 3 e 4 horas de duração, outras foram mais longas, com 8 horas. Muitas pessoas das comunidades responderam questionários avaliativos, com espaços para sugestões e relato das suas experiências.

No início é feita a apresentação da equipe do projeto e das pessoas participantes. Em seguida a equipe e colaboradores apresentam uma síntese das tradições cerâmicas arqueológicas no rio Madeira, falando sobre as diferentes escolhas de pasta, técnicas de confecção, morfologias, acabamentos da superfície e decorações, procedimentos de queima e usos das vasilhas e outros artefatos cerâmicos³. Paralelamente, as pessoas manipulam argilas, observam porções de *caraipé*, *cauxixí*⁴, caco moído, pigmentos minerais e instrumentos utilizados na elaboração das peças, como seixos, sementes e palitos (Tabela 3), e inicia-se um diálogo sobre o assunto. São também abordados alguns estudos etnográficos sobre a elaboração de cerâmicas por povos indígenas na Amazônia, como Suruí (VIDAL, 2011), Asurini (SILVA, 2000), Waujá (BARCELOS NETO, 2005-2006), Palikur (ROSTAIN, 2016; ROSTAIN *et al.*, 2014); Shipibo-Conibo (DEBOER; LATHRAP, 1979; ALMEIDA; ROCHA, 2016), entre outros, através de slides e vídeos.

O cenário para a atividade prática de elaboração de peças cerâmicas é construído com base nos estudos etnográficos e etnoarqueológicos, com uso de materiais tradicionalmente utilizados por ceramistas indígenas: esteiras, cuias, espátas de palmeiras, sementes, seixos, entre outros (Tabela 3). Também são utilizados materiais industrializados, como lonas, potes plásticos, palitos e papelão. Os materiais são colocados ao centro e as pessoas sentam-se ao redor, em círculo, para facilitar a comunicação e diálogo e a visualização dos materiais e técnicas.

Materiais	Uso	Origem
Argila	Elaboração de peças cerâmicas	Coletada pela equipe ou adquirida em olaria
Espátas de palmeiras	Conter argila e outros materiais	Coletadas no <i>campus</i> UNIR e praças públicas

² <https://instagram.com/arqueologiaunir?igshid=1xn612iqgz219>

³ Sínteses das características dos conjuntos tecnológicos do rio Madeira podem ser consultadas em Zuse, 2016; Zuse *et al.*, 2020; Costa, 2016; Pessoa *et al.*, 2020; Kater, 2020; Besspalez *et al.*, 2020.

⁴ Os conceitos das terminologias utilizadas nas análises cerâmicas na Amazônia podem ser consultados no glossário, de autoria coletiva, no livro *Cerâmicas Arqueológicas na Amazônia: rumo a uma nova síntese* (BARRETO, LIMA E BETANCOURT, 2016, p. 553-602).

Sementes (ex: caroba, inajá, tucumã)	Alisar e/ou polir as peças	Coletadas no <i>campus</i> UNIR, praças públicas e propriedades dos estudantes de Arqueologia
Seixos de rio	Alisar e/ou polir as peças	Coletados na região
Cuias	Conter água, pigmentos, <i>caraiapé</i> , caco moído, etc.	Coletadas nas propriedades dos estudantes de Arqueologia e seus familiares
Esteiras de palha de babaçu	Suporte para fazer os roletes e peças cerâmicas	Elaboradas por Márcia Simone, mãe da estudante Mayara Costa, para uso na exposição e oficinas
Cestos de palha de babaçu	Conter seixos, sementes, temperos, fontes de pigmentos	Elaborados por Márcia Simone, mãe da estudante Mayara Costa, para uso na exposição e oficinas
Penas	Decoração das peças	Coletadas no <i>campus</i> UNIR, encontradas caídas sobre o solo
Fragmentos de óxido de Ferro	Pintura das peças cerâmicas	Coletados no <i>campus</i> UNIR
Pigmento de óxido de ferro	Pintura das peças cerâmicas	Preparado no <i>campus</i> UNIR através de raspagem
<i>Cauixí</i> (espongiário de água doce)	Mostra de tempero tradicionalmente utilizado na pasta	Coletado em igarapé por Robson Ravani, egresso do curso de Arqueologia
Pó de <i>cauixí</i>	Mostra de tempero tradicionalmente utilizado na pasta	Preparado através da queima (não utilizamos nas oficinas para evitar alergias e demais lesões)
Casca de <i>caraiapé</i>	Mostra de tempero tradicionalmente utilizado na pasta	Doação do arqueólogo Márcio Amaral, para uso didático nas aulas e oficinas
<i>Caraiapé</i> preparado	Uso como tempero na pasta	Preparado através da queima e peneiramento
Caco moído	Uso como tempero na pasta	Preparado com fragmentos de peças cerâmicas feitas nas oficinas: moagem (mão de pilão) e peneiramento
Espátulas de cuia	Alisamento das peças cerâmicas	Preparadas com fragmentos de cuia: lixamento das extremidades
Lona plástica	Suporte para elaboração da oficina	DARQ/UNIR
Potes plásticos	Conter água, pigmentos e temperos	Adquiridos em loja de embalagens
Palitos de churrasco; hastes de picolé	Elaborar decorações plásticas (incisões, acanalados, ponteados etc.)	Adquiridos em loja de embalagens
Corda; prendedores	Fixar fotografias de cerâmicas arqueológicas	Adquirido em loja de embalagens
Papelão	Suporte para fazer os roletes e peças cerâmicas	Coleta em descarte de lojas

Materiais arqueológicos cerâmicos e líticos	Mostra de materiais aos participantes, expostos sobre mesa no local da prática	Acervo DARQ/UNIR
Folders	Divulgar a Arqueologia na região	Elaborado na exposição Memórias do Rio, Paisagens no Madeira, em 2016
Questionário de avaliação	Avaliar a atividade e seu impacto junto ao público	Elaborado pela coordenação do projeto
Apresentação de slides	Uso didático para abordar a variabilidade de técnicas tradicionais indígenas	Preparado por docentes e estudantes de Arqueologia
Câmera fotográfica	Registro das oficinas através de fotografias e vídeos	DARQ/UNIR (formulário de autorização de uso das imagens)
Projektor de slides	Apresentação sobre variabilidade de técnicas cerâmicas tradicionais indígenas	DARQ/UNIR

Tabela 3. Materiais e equipamentos utilizados nas oficinas com experimentação de técnicas cerâmicas.

A aquisição e preparo dos materiais por docentes e estudantes do curso de Arqueologia e colaboradores, especialmente através da coleta nas áreas de floresta e na cidade e do preparo, – por exemplo, dos trançados, feitos inicialmente por Márcia Simone, que transmitiu o conhecimento a sua filha Mayara, na época estudante de Arqueologia, e que posteriormente repassou a seus colegas e professores –; assim como o preparo das cuias – através de técnicas de corte, limpeza e secagem, ensinadas pelo acadêmico Henrique Jacob –; a raspagem dos pigmentos e a queima dos temperos e das cerâmicas experimentais são atividades que promovem a transmissão de conhecimentos tradicionais entre estudantes, seus familiares e docentes envolvidos no projeto. Durante a oficina, a observação, uso e experimento com esses materiais também aguçam a curiosidade e propiciam trocas desses saberes pelas pessoas da equipe do projeto e participantes.

A associação de materiais artesanais e industrializados para os mesmos fins – a exemplo de cuias e potes plásticos para conter água – promove reflexões sobre a apropriação dos recursos e conhecimentos tradicionais pela indústria, sobre a substituição de materiais e itens tradicionais pelo mercado consumista, e sobre os consequentes danos ao meio ambiente promovidos pelo incentivo dessas práticas, as quais vão na contramão da preservação e aumento da biodiversidade promovidos através do manejo e ocupação da floresta amazônica pelos povos e comunidades tradicionais ao longo dos últimos milhares de anos. A abordagem das tecnologias cerâmicas e de preparo de cuias, esteiras e demais objetos mostra continuidades entre as técnicas do passado, evidenciadas nos estudos arqueológicos, e as dos povos e comunidades tradicionais contemporâneas na Amazônia, promovendo reflexões sobre os processos de continuidades e transformações. Tais processos são ocultados nos discursos acentuados de ruptura entre o passado arqueológico e o presente, produzidos nos projetos colonialistas desde a chegada das coroas ibéricas no Brasil e muitas vezes reproduzidos na prática arqueológica.

Por outro lado, a grande variabilidade nas técnicas explicita os diferentes modos tradicionais de fazer cerâmica, transmitidos ao longo das gerações através de processos

de ensino-aprendizagem, que caracteriza a diversidade cultural no passado e no presente, na contramão de noções homogeneizadoras das culturas indígenas, ou da apropriação das suas histórias para a construção de uma “uma história nossa”, uma “história de todos”, na perspectiva colonial e nacional (GNECCO; ROCABALO, 2010).

As oficinas com atividades de análise de cerâmicas arqueológicas envolvem também uma abordagem teórica, junto à manipulação dos materiais tradicionalmente utilizados na elaboração das vasilhas (Tabela 3). Porém, a prática está voltada para a experimentação de métodos e técnicas do estudo das cerâmicas, buscando aproximar as pessoas do ambiente de laboratório, esse espaço pensado para separar o público/privado e dar credibilidade ao método científico moderno ocidental (RIBEIRO, 2017, p. 2015), que necessita ser mais aberto e participativo, um espaço para a participação das comunidades. Na atividade, são distribuídas amostras de cerâmicas, junto a informações sobre sua proveniência e cronologia, e com uso de uma ficha são analisadas as escolhas de pasta, acabamentos e forma das vasilhas. São também feitas fotografias, desenhadas algumas bordas e reconstituídas morfologias (Tabela 4).

Materiais	Uso/objetivo	Origem
Amostra Cerâmica arqueológica	Prática de análise	Acervo DARQ/UNIR
Informações sobre a amostra com texto e fotos	Conhecer o contexto arqueológico; compreender o processo contínuo da pesquisa	Elaborada a partir da documentação e relatórios da pesquisa arqueológica
Ficha de análise e descrição dos atributos	Descrever e sistematizar as informações obtidas; identificar as variações e a variabilidade nas escolhas tecnológicas	Ficha adaptada de Zuse (2014)
Lupas binoculares, paquímetros, medidor de diâmetro, gabaritos de perfil, câmeras fotográficas, escalas, papel milimetrado	Equipamentos e materiais utilizados na análise pelos participantes, com orientação da equipe	Equipamentos do DARQ/UNIR ou fornecidos por outra instituição
Projector de slides	Apresentação sobre variabilidade de técnicas cerâmicas tradicionais indígenas	DARQ/UNIR

Tabela 4. Materiais e equipamentos utilizados nas oficinas com análise de cerâmicas arqueológicas.

PERCURSOS, PAISAGENS E VIVÊNCIAS EM CADA OFICINA

A primeira oficina, “Brincando com barro! Entre cacos e criações: descobrindo técnicas cerâmicas com inspiração arqueológica”, contou com a colaboração de Joeser Alvarez, historiador e ceramista. Parte da programação da II Semana de Arte e Cultura (PROCEA/UNIR), a oficina teve um público adulto interno e externo à UNIR. Com duração de 8 horas, nos turnos da manhã e tarde, foi possível dialogar, coletar cascas nas árvores (uma espécie de oitizeiro ou oiti, utilizado na arborização urbana - *Licania tomentosa*) adjacentes à casa de Cultura Ivan Marrocos, no centro histórico de Porto Velho – as quais foram posteriormente queimadas e experimentalmente utilizadas como tempero em outras oficinas –, bem como elaborar peças cerâmicas, a maioria delas vasilhas com decorações plásticas. Ao final foram utilizadas placas de argila para

desenhar motivos e cenas, utilizando diversos pigmentos minerais, nas cores branca, amarela e vermelha (Figura 2). As peças secaram e posteriormente foram queimadas em outra oficina promovida por Joeser durante a III Reunião da sociedade de Arqueologia Brasileira - Núcleo Regional Norte, em novembro de 2016, em Porto Velho. Muitas dessas vasilhas são utilizadas como material didático nas aulas de laboratório do curso de Graduação em Arqueologia.



Figura 2. Peças cerâmicas elaboradas pelas pessoas participantes da oficina “Brincando com barro!” (Foto: Silvana Zuse, 2016).

“Amassa o barro, mistura o *caraipé*, prepara o *cauixí*”, como o título sugere, mais voltada para o preparo de pastas, a primeira etapa de um longo processo de elaboração dos artefatos cerâmicos, foi uma oficina realizada na associação Arirambas, comunidade de Maravilha, Porto Velho/RO, durante a III Semana de Arte e Cultura (PROCEA/UNIR). Essa oficina se iniciou pela manhã com uma conversa sobre as escolhas de pastas nas cerâmicas arqueológicas do rio Madeira, as quais variam nas diferentes tradições tecnológicas: possuem minerais (quartzo, óxido de ferro); *cauixí*, espículas de espongiário de água doce; ou com adição de *caraipé*, como é chamada a cinza da casca da árvore *Licania* sp., popularmente conhecida como Oiti ou Oitizeiro. Uma mostra de peças líticas e cerâmicas arqueológicas associadas aos distintos conjuntos tecnológicos e de materiais utilizados na elaboração de cerâmicas (Tabela 3) ocorreu concomitantemente.

Foram abordados aspectos simbólicos e sociais que se relacionam ao fazer cerâmica entre os povos indígenas amazônicos, especialmente à escolha e coleta das matérias-primas, incluindo restrições e histórias sobre a origem da argila e da cerâmica. As ceramistas Suruí, povo de língua Tupi Mondé de Rondônia, vão em silêncio retirar a argila no fundo do igarapé, no meio da mata, para que o espírito do caranguejo que cuida

da fonte de argila não as acompanhe e não se perca no caminho. O retorno e a chegada na aldeia, com os cestos cheios de argila, também comportam rituais que garantem que as vasilhas saiam simétricas (VIDAL, 2011). As ceramistas Asurini do rio Xingu contam que o barro é propriedade das abelhas (SILVA, 2000, p. 61). Para os Waujá, povo Arawak que vive no Alto Xingu, as cerâmicas chegaram navegando e cantando no dorso da cobra-canoa, *Kamalu Hai*, que lhes ensinou a arte oleira e defecou depósitos de argila no rio Batovi. Atualmente os Waujá coletam argila escura (*kamalu yalaki*) e o espongiário lacustre *akukutai* no fundo do rio e da lagoa (BARCELOS NETO, 2005-2006). Os *Palikur* coletam o *kwep*, casca de uma árvore da família *Chrysobalanaceae* (*Licania* sp. y *Couepia* sp.), para preparar e misturar na argila (ROSTAIN, 2016).

A oficina também contou com a participação da indígena Márcia Mura, que compartilhou um pouco da história dos povos Mura no rio Madeira (MACIEL, 2016). Além disso, ela apresentou o mito “A mulher de barro”, narrado pela indígena Tupari Etxowe Etelevina Tupari (MINDLIM, 1997), que aborda a origem do barro e da cerâmica entre os povos Tupari: o pote de ferver chicha, bacias, panelas e todos os utensílios para comida. Fizemos ainda uma caminhada na trilha da reserva ambiental do sítio Arirambas, conduzida e acompanhada pelo administrador, que nos mostrou as plantas e árvores manejadas – entre elas várias palmeiras e castanheiras –, coletou açaí e gongo para degustarmos e indicou uma área com terra preta, porém sem materiais arqueológicos associados, quando dialogamos sobre as terras pretas arqueológicas na Amazônia.

Após o almoço, elaboramos temperos: caco moído de fragmentos de peças feitas na oficina anterior; *caraipé*, através da queima das cascas coletadas nas árvores próximas à Casa de Cultura Ivan Marrocos; e *cauixí*, com a queima de uma amostra de espongiário. Cada participante escolheu argilas e temperos, preparou a pasta e elaborou peças cerâmicas (Figura 3). Ao final as pessoas responderam um questionário para descrever os tipos e quantidades de materiais usados (argila e temperos) para que, durante a queima que seria realizada posteriormente, pudéssemos compreender os resultados de acordo com essas escolhas.



Figura 3. Oficina “Amassa o barro, mistura o *caraipé*, prepara o *cauixí*”, em Maravilha. Foto: Pedro Venere, 2017.

Decorrente dessa atividade, foi feito o convite para realizar ações na escola E. E. E. F. M. Professor Francisco Desmorest Passos, no Distrito de Narazé, pela Professora Márcia Mura. Após trocas de e-mails com a direção da escola, a proposta inicial previa a realização de quatro oficinas com turmas do sexto ao nono ano do ensino fundamental e primeiro ano do ensino médio, além de um passeio na comunidade e visita a um possível sítio arqueológico, em setembro de 2018. Porém, antes dessa data a escola teve suas atividades paralisadas por falta de transporte escolar fluvial, as voadeiras (barcos a motor) que levam as crianças das comunidades vizinhas até Nazaré. O cancelamento do transporte público, e consequentemente das aulas nas escolas das comunidades ribeirinhas do rio Madeira, por um longo período, foi amplamente noticiado nos meios de comunicação nacionais.

Em decorrência disso, Márcia sugeriu outra proposta de atividade em Nazaré, a oficina “Moldando no Barro nossa memória ancestral”, no quintal da Dona Antônia, com participação de mulheres de diferentes gerações: meninas, suas mães e avós. Márcia organizou e conduziu a logística da oficina. Em data anterior, as mulheres coletaram argila na comunidade, que foi preparada e utilizada durante a prática. Durante a oficina, vivenciamos trocas de saberes e experiências, especialmente com as moradoras mais antigas, que possuem memórias sobre as matérias-primas e técnicas cerâmicas. As participantes fizeram pequenos potes e animais (arara, jacaré, tartaruga) (Figura 4).

Não havia em nós, uma professora e duas estudantes de arqueologia, expectativa de seguir um roteiro, sendo assim optamos pela escuta, observação e experimentação. Uma das estudantes compartilhou memórias das suas ancestrais indígenas, que pareceram brotar da experiência vivida. Sem perceber, estávamos envolvidas num processo de aprender umas com as outras, que “exige de si mesma largar seu encantamento com “mulher”, o universal, para começar a aprender sobre as outras que resistem à diferença colonial” (LUGONES, 2014, p. 948). No final da tarde, visitamos a escola, silenciosa pela falta de aulas, e planejamos voltar no futuro para fazer as oficinas com as crianças.



Figura 4: materiais utilizados na oficina em Nazaré: matérias-primas, instrumentos, cerâmicas arqueológicas, etnográficas e contemporâneas. Foto: Silvana Branco, 2019.

A falta de transporte escolar também afetou o andamento das aulas e das atividades desenvolvidas na E.M.I.E.F. Antônio Augusto Vasconcelos, na Vila Nova do Teotônio, em 2016. Durante o ano fizemos ações com todas as turmas da escola: 1) a Gincana da Arqueologia, que envolveu estudantes do sexto ao nono ano do ensino fundamental em quatro atividades voltadas para a pesquisa sobre a história da comunidade, entre elas fotografias, entrevistas e receitas tradicionais; 2) oficinas com argila, pigmentos, escavação simulada, brincadeiras tradicionais e cantigas de rodas com as crianças da pré-escola e séries iniciais do ensino fundamental.

Nas oficinas com argila, nessa escola, participaram as crianças da pré-escola e primeiro ano, em junho, e do segundo ao quinto ano, em maio. Com a argila, anteriormente preparada, elas fizeram roletes de argila sobre as esteiras, que sobrepostos formaram pequenas vasilhas, sendo estas alisadas com as mãos e sementes e decoradas com incisões feitas com palitos (Figura 5). Outras optaram por modelar objetos a partir da manipulação de uma porção de argila. A maioria levou as peças para casa e algumas deixaram com a equipe do projeto.



Figura 5. Oficina na EMIEF Antônio Augusto Vasconcelos, na Vila Nova do Teotônio, com crianças da pré-escola e primeiro ano. Foto: Juliana Santi, 2016.

As ações na Vila Nova do Teotônio inspiraram o roteiro da exposição “Memórias do rio, paisagens do Madeira”, aberta ao público entre novembro de 2016 e março de 2017, no Museu da Memória Rondoniense (MERO), cidade de Porto Velho. Buscando divulgar a longa história indígena na região, com enfoque nas mudanças ocorridas na paisagem, essa exposição abordou tanto as histórias contadas através das pesquisas arqueológicas – bastante recuadas no tempo e contínuas na cachoeira do Teotônio – quanto aquelas trazidas pelos estudantes e moradores da comunidade, especialmente

sobre seu modo de vida na antiga vila junto a uma das cachoeiras mais piscosas do mundo. Além disso, também foram evidenciadas as mudanças e impactos causados pela construção da usina hidrelétrica que inundou a cachoeira e provocou o deslocamento das famílias para a nova vila.

A exposição teve a colaboração de moradores da comunidade, tanto na doação de materiais, plantas quanto na orientação sobre a montagem dos cenários e relatos. Na exposição uma das salas foi preparada para atividades interativas com elaboração de peças em argila.

A ação continuada no Teotônio, durante um ano, proporcionou maiores trocas com a comunidade. Durante a gincana, estudantes envolveram familiares que contaram histórias, transmitiram conhecimentos tradicionais e relataram os impactos sociais, simbólicos e econômicos decorrentes da construção da usina. O desenvolvimento de uma ação prolongada só foi possível graças ao apoio de docentes, equipe técnica e estudantes do curso de Arqueologia, à colaboração das arqueólogas vinculadas na época, à Secretaria de Cultura do Estado de Rondônia e do município de Porto Velho, a Alyne Mayra Rufino e Brena Barros e demais apoiadores externos. A partir de 2017 a equipe envolvida tornou-se cada vez mais reduzida quando as atividades passaram a ser mais pontuais e com menor duração.

Como veremos, uma das principais sugestões dos participantes das oficinas nas fichas avaliativas é no sentido de que sejam mais longas, com maior tempo para elaborar as peças com argila. O alcance efetivo das ações educacionais na socialização do conhecimento arqueológico demanda um processo educacional “permanente”. Tais ações propiciam encontros e aproximações entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais, diminuem o distanciamento entre arqueólogos e comunidades e evidenciam as interferências provocadas pela pesquisa arqueológica nas comunidades (CARNEIRO, 2014).

A oficina “Do barro aos potes: experimentando técnicas indígenas na elaboração de vasilhas cerâmicas”, no Instituto Federal do Amazonas (IFAM) de Humaitá, fez parte da programação do Projeto (Re)conhecendo a cultura Afro-Brasileira e indígena no Sul do Amazonas. Desse modo, apesar de ser uma atividade pontual, essa oficina estava inserida em uma discussão mais ampla sobre o respeito à diversidade cultural, buscando problematizar preconceitos e violências empreendidas na região, envolvendo a disputa de territórios tradicionais. As coordenadoras do projeto, professoras do IFAM, Juliana Valentini e Inaê Nogueira Level, juntamente com Henrique Jacob, estudante de Arqueologia na UNIR e morador de Humaitá, colaboraram na organização da oficina, especialmente na coleta de argila em uma fonte local.

A realização de duas oficinas, uma no turno da manhã e outra à tarde, envolveu estudantes do Curso Integrado em Administração (turmas Administração 1 e Administração 2) e funcionárias e professoras do IFAM, que interagiram na discussão sobre Arqueologia e na elaboração de peças cerâmicas (Figura 6). Foram produzidas vasilhas, peças zoomorfas – incluindo uma tartaruga inspirada na cerâmica Palikur, apresentada através de fotografia –, bem como instrumentos musicais e outras peças, alisadas ou decoradas através de incisões e ponteados e com uso dos pigmentos minerais. As peças atualmente fazem parte do acervo do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígena (NEABI/IFAM).



Figura 6. Oficina com argila no IFAM/Humaitá. Foto: DARQ/UNIR, 2017.

No ano seguinte, a oficina “Vamos analisar: uma experiência com cerâmicas arqueológicas em laboratório” ocorreu durante a II Semana da Consciência Negra e indígena: Conflitos e territorialidades na Amazônia, promovida pelo IFAM e pelo Instituto de Educação, Agricultura e Meio Ambiente - IEAA da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em Humaitá. Participaram estudantes de ambas as instituições através da experiência de análise dos fragmentos cerâmicos, utilizando lupa binocular, paquímetro e outros instrumentos com registro na ficha de análise, bem como fotografias, desenhos das bordas e reconstituições das formas das vasilhas. Esse exercício aproximou as pessoas dos materiais e da prática arqueológica e promoveu reflexões e interpretações sobre as ocupações indígenas no rio Madeira.

Outra atividade semelhante, “Bora ali, no laboratório: uma experiência de análise com cerâmicas arqueológicas do rio Madeira”, ocorreu na IV Semana de Arte e Cultura (PROCEA/UNIR) no laboratório do curso de Arqueologia da UNIR. Apesar da programação ser voltada ao público externo, pelo fato do *campus* José Ribeiro Filho ser afastado da cidade e em função das dificuldades enfrentadas com o transporte público, a oficina teve participação do público interno, entre eles estudantes de Artes e de Arqueologia, diferente daquela realizada na Casa de Cultura, no centro da cidade, com público externo à UNIR. Essa atividade despertou a curiosidade em relação à oficina com argila, o que levou ao recebimento de convite para realizá-la nas semanas acadêmicas de ambos os cursos.

Na IV Semana de Arqueologia da UNIR, na oficina com argila: trocas e experiências sobre técnicas tradicionais ceramistas, estava prevista a colaboração da liderança indígena Valda Wajuru, porém, por motivos de saúde, ela não pôde estar presente, sendo esse diálogo adiado para outra oportunidade. Essa oficina contou com um público prioritariamente do curso de Arqueologia, com participação da estudante Jéssica Karitiana, seu companheiro e sua filha (Figura 7), com quem dialogamos sobre os conhecimentos e técnicas cerâmicas tradicionais. Outros estudantes do curso também lembraram histórias de seus parentes enquanto manipulavam a argila e demais materiais e instrumentos.



Figura 7: oficina com argila: trocas e experiências sobre técnicas tradicionais ceramistas. Foto: Julia Monteiro, 2019.

Entre os 227 participantes que registraram presença nas oficinas desenvolvidas, 118 responderam os questionários avaliativos, disponibilizados em cinco delas (Gráfico 1). O questionário possui quatro questões (Figura 8), sendo as três primeiras de múltipla escolha, com espaço para sugestões: em relação à organização geral das atividades; sobre a metodologia e didática das apresentações; e sobre a mudança ou não de percepção em relação à Arqueologia e Patrimônio. Por último, a opção de marcar a satisfação ou insatisfação com a atividade, e um espaço para críticas e sugestões.

Olá participante,

Esta avaliação pretende obter opiniões que nos ajudem a avaliar as atividades da oficina **Do barro aos potes: experimentando técnicas indígenas na elaboração de vasilhas cerâmicas**, desenvolvida no IFAM, em Humaitá, para que possamos melhorar nossas ações. Obrigada!!!

1. Organização geral das atividades:
 Ótima () Boa () Regular () Ruim () Péssima
 Sugestões: _____

2. Como foi a forma de apresentação das atividades pela equipe do Projeto?
 Ótima, entendi as apresentações () Boa () Regular () Ruim, não compreendi
 Sugestões: _____

3. As atividades mudaram a sua percepção sobre o que é Arqueologia e Patrimônio?
 Sim, muito () Sim, um pouco Não, já tinha essa percepção antes
 Porquê?: *Eu preciso ter uma percepção melhor do que idiossincrasia a mim, minhas coisas.*

9. De modo geral, em relação a sua participação, você se considera:
 Satisfeito () Insatisfeito

10. Quais são as demais críticas e sugestões para que melhoremos esta atividade?
Ter mais tempo da próxima vez, por que o tempo oferecido foi muito pouco, não consegui finalizar minha obra, é que também mais regras, pois precisamos construir melhor nossas coisas.

Figura 8. Foto de questionário avaliativo de uma das oficinas. DARQ/UNIR, 2017.

Grande parte das pessoas que participaram consideraram a organização geral da atividade ótima (76,27%), boa (19,49%) e regular (4,24%) (Gráfico 1). Na oficina “Do barro aos potes” no IFAM/Humaitá, que teve duração de 3 a 4 horas, muitas pessoas sugeriram que fosse disponibilizado mais tempo para sua aplicação. Outras pediram que fossem feitas atividades semelhantes com maior frequência. Alguém sugeriu o uso de materiais didáticos mais diversificados, e outra sugestão é que fossem apresentados mais conteúdos relativos à região em que se insere a cidade de Humaitá, o que reflete a escassez de pesquisas arqueológicas naquela área. Uma contextualização histórica e etnográfica poderia abordar a diversidade de povos indígenas nessa região. Ações mais participativas com os estudantes e seus familiares, como a desenvolvida na Vila Nova do Teotônio, poderiam resultar em um diagnóstico dos conhecimentos sobre os sítios arqueológicos e demais referenciais na paisagem, significativos da história e memória local e regional. As sugestões dos questionários orientam a continuidade das ações educativas e transformam nossas práticas.

Na atividade “Amassa o barro”, entre as três sugestões quanto à organização, uma pede tempo maior e duas solicitam que sejam feitas mais atividades. Esta última sugestão apareceu três vezes, de forma isolada, na oficina “Bora ali no laboratório”. Estudantes da escola da Vila Nova do Teotônio não fizeram sugestões, o que pode refletir a falta de

atenção, didática e tempo dispendido pela equipe do projeto, tendo em vista a faixa etária das crianças, ou os silêncios estariam relacionados às descontinuidades no ano letivo, pela falta de transporte, e rupturas no modo de vida, no caso daqueles que residem na nova vila desde o alagamento do local da antiga comunidade, junto à cachoeira. Em geral, as respostas refletem a necessidade de atividades mais longas e de maior envolvimento com o público, através de ações continuadas. Refletem ainda a carência de ações de extroversão, comunicação e socialização dos conhecimentos produzidos pela Arqueologia, identificada tanto pelo público interno quanto externo à Universidade.

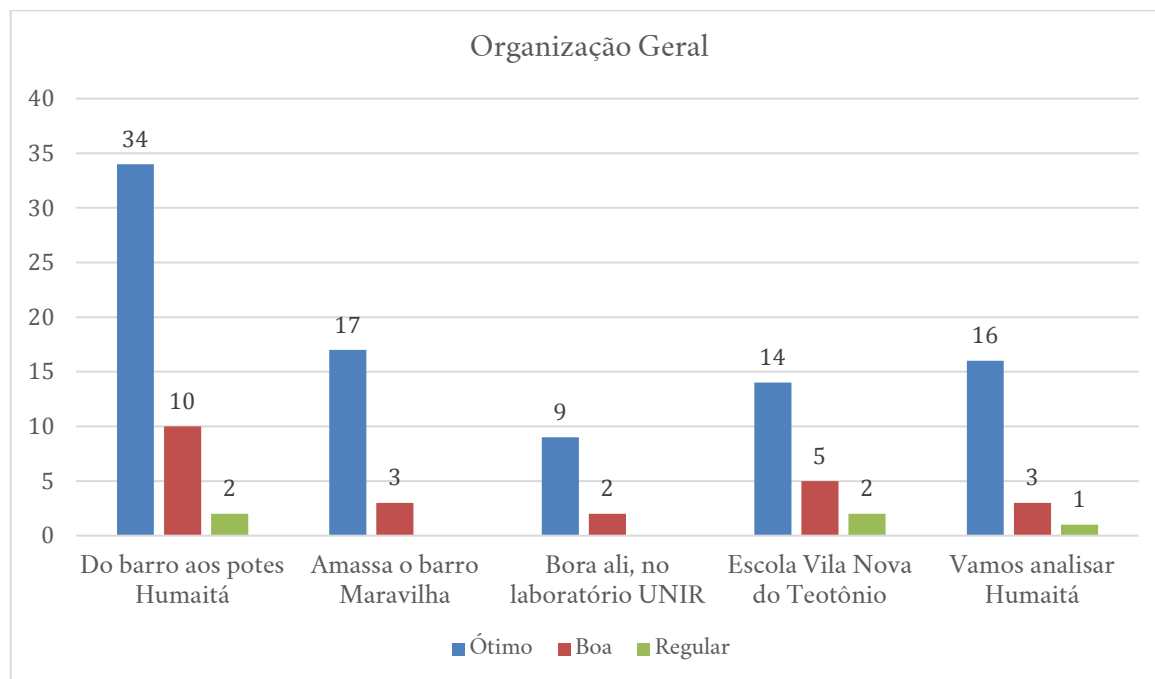


Gráfico 1. Avaliação em relação a organização geral das oficinas.

Quando questionados se as atividades mudaram a sua percepção sobre o que é Arqueologia e Patrimônio, 62,71% das pessoas participantes responderam “sim, muito”, 28,81% “sim, um pouco” e 8,47% “não, já tinha essa percepção”. Nessa pergunta, estava associada a questão “Porquê?”. Na atividade “Do barro aos potes-IFAM/Humaitá”, alguns afirmaram que antes não conheciam ou sabiam pouco sobre o assunto. Outros antes pensavam que a Arqueologia somente mexia com fósseis, com ossos. Destacaram-se algumas frases: “Porque primeiro eu não sabia o que era Arqueologia e depois eu não sabia que a Amazônia era tão rica em objetos de cerâmicas de povos que viveram aqui muitos anos atrás”; “porque minha vontade era ser arqueólogo, e não tinha conhecimento do que era, agora tenho um pouco”; “gostei de saber como os indígenas levam a sério a cultura”. Entre os que assinalaram “Não, já tinha essa percepção”, duas pessoas relataram ser curiosas e buscar conhecimentos e alguém respondeu que “sempre costumo ver vídeos no *youtube*, não sobre arqueologia, mas sobre vários assuntos”. Em Maravilha, os participantes responderam que antes “não tinha entendimento sobre Arqueologia ainda mais voltada aos indígenas”, e que “aprendi que Arqueologia vai além de recuperar objetos dentro da história”.

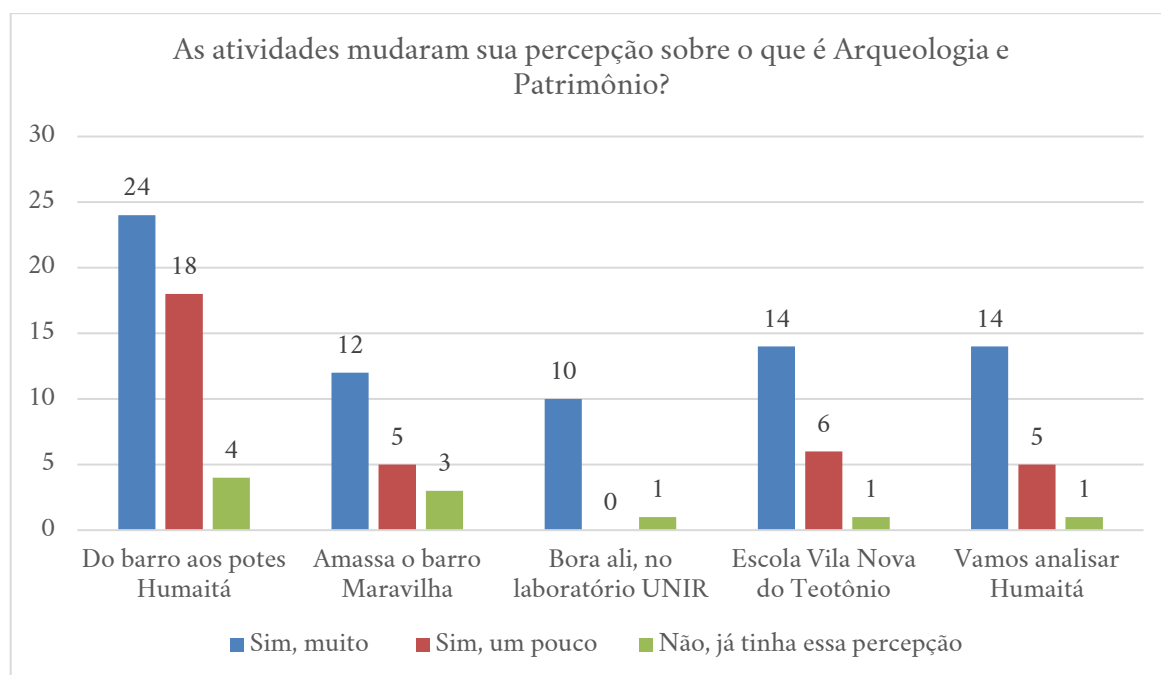


Gráfico 2. Questão sobre a mudança de percepção em relação às noções de Arqueologia e Patrimônio.

As pessoas participantes de uma das oficinas, quando questionadas sobre a mudança de percepção, trouxeram respostas bastante interessantes, colocadas na íntegra na Tabela 5.

Mudaram sua percepção?	Porquê?
Sim, muito	primeira vez vendo arqueologia
Sim, muito	Porque eu não sabia muito diferenciar os tipos de cerâmicas
Sim, muito	Não conhecia a cultura
Não, já tinha essa percepção antes	
Sim, muito	porque eu não tinha muito interesse em arqueologia, mas agora gostei, comecei a me interessar
sim, um pouco	Eu já tinha um pouco de contato, minha avó e indígena
Sim, muito	porque eu achei que não era muito importante mas na verdade é ótimo para aprimorar o conhecimento
Sim, muito	porque eu achava que todos os jarros e outras coisas eram feitas só de um jeito
sim, um pouco	a percepção se torna outra, é bastante interessante todo o trabalho e análise, inclusive dos indígenas
Sim, muito	outra percepção, olhar sobre a confecção da cerâmica, etc...
Sim, muito	porque nós percebemos como foi feito as vasilhas de barro
sim, um pouco	porque eu não conhecia tanto
sim, um pouco	eu já tinha a noção de como era o trabalho
Sim, muito	eu não tinha tanto conhecimento diante da arqueologia indígena e não sabia que era tão importante
sim, muito	
sim, muito	pois nunca tinha utilizado pessoalmente

sim, um pouco	foi interessante
sim, muito	não conhecia, foi uma ótima explicação, primeira vez
sim, muito	mostra como as são feitas as panelas e os pratos dos indígenas
sim, muito	eu tinha outro pensamento, totalmente diferente da arqueologia e da história indígena

Tabela 5. Respostas da questão sobre a mudança de percepção em uma das oficinas.

Apesar da crítica à homogeneização e hierarquização das concepções científicas e institucionais de conceitos como arqueologia e patrimônio, a questão, do modo como foi formulada, deixa implícito o objetivo de divulgar uma noção científica de Arqueologia, bem como as narrativas produzidas por essa ciência, mais que o de compreender as múltiplas noções que poderiam surgir por meio de uma pergunta com enunciado mais participativo. Para Cabral (2014), se existem diferentes modos de interpretar os materiais arqueológicos e produzir narrativas, então existem arqueologias, não uma Arqueologia Universal, portanto a dissolução da hierarquia entre conhecimento científico e outros modos de conhecimento exige diálogo, comunicação e ações mais simétricas. Nesse sentido, pesquisadores têm defendido práticas arqueológicas que incorporem diferentes visões sobre o passado, a cultura material, a paisagem, o patrimônio, o mundo, não para a produção de um consenso ou coesão de interpretações, mas para a emergência e a contraposição à diversidade de ideias (SILVA; BESPALÉZ; STUCHI, 2011; CARNEIRO, 2014; MACHADO, 2017). A reformulação do questionário, com questões mais abertas, bem como a incorporação das sugestões na continuidade das ações, poderá abrir espaço maior para a multivocalidade.

Por outro lado, as oficinas revelaram a arqueologia como uma prática diferente daquela comumente difundida na mídia, voltada apenas para a recuperação de objetos, fósseis, ossos espacialmente distantes em outras partes do Brasil e do mundo. Além disso, algumas respostas indicam uma mudança de percepção em relação à antiguidade, demografia e diversidade dos povos indígenas. Em geral, permanece um distanciamento temporal e identitário, uma percepção de que as cerâmicas são relacionadas aos povos indígenas no passado, sem conexão com o presente, mesmo com a abordagem dos estudos etnográficos, da existência de diversos territórios indígenas na região e da convivência com colegas estudantes indígenas nas escolas, instituto e universidade. Além do distanciamento temporal, espacial e identitário em relação à cultura indígena, algumas respostas evidenciam visões evolucionistas sobre os povos indígenas bastante difundidas na nossa sociedade – como por exemplo: que a pesquisa arqueológica é interessante, “inclusive dos indígenas” (Tabela 5) e na descoberta de que “os indígenas levam a sério a cultura” –, ao mesmo tempo em que ocorre uma tomada de consciência da alteridade. Além disso, uma das respostas evidencia uma relação de ancestralidade: “já tinha um pouco de contato, minha avó é indígena”.

Entre aqueles que responderam “não, eu já tinha essa percepção” (10; 8,47%), quase metade é do curso de Arqueologia da UNIR. Entre as pessoas do público externo, algumas respostas exteriorizam uma reação de negação das culturas indígenas e da arqueologia, área voltada predominantemente para o estudo das ocupações indígenas ao longo dos últimos 10 mil anos na região. Por outro lado, quando questionados sobre a satisfação em relação às oficinas, a grande maioria (116; 98,31%) se diz satisfeita, ao passo que apenas 2 pessoas (1,69%) se consideraram insatisfeitas. Esse dado reflete que, mesmo com a dificuldade em relativizar conceitos e ideias sobre o tema, as pessoas envolveram-se nas oficinas. Durante as práticas observamos reações negativas se desfazendo na medida em que os objetos iam tomando forma. Fica explícito o potencial das oficinas para reflexões sobre as continuidades e transformações, diversidade e alteridade cultural.

No ano de 2020, em decorrência da pandemia do COVID-19, não foi possível dar andamento nas atividades presenciais do projeto de extensão. Nesse período uma atividade remota foi feita nas redes sociais do Departamento de Arqueologia da UNIR (ARQUEOLOGIA UNIR, 2020): uma conversa sobre técnicas cerâmicas indígenas na Amazônia. O convite para o público, realizado com três dias de antecedência, sugeriu aos participantes levar um pouco de argila para manipular durante a conversa. Foram mostradas vasilhas cerâmicas etnográficas e materiais utilizados nas oficinas e elaboradas algumas técnicas de montagem e acabamentos. Essa oficina contou com 26 participantes e o vídeo, disponível na rede social, teve o alcance de 245 pessoas, entre eles, estudantes do curso de Arqueologia, que conseguiram acessar, mesmo no contexto de exclusão digital. Houve o retorno de mulheres que elaboraram pequenas peças junto com crianças, constituindo-se em uma atividade lúdica em tempos de pandemia e isolamento social.

APROXIMAÇÕES COM AS COMUNIDADES: OS PRIMEIROS PASSOS

Os fragmentos cerâmicos são os vestígios mais abundantes nos sítios arqueológicos amazônicos, distribuídos em longas e complexas estratigrafias. A análise das cerâmicas arqueológicas exige tempo e dedicação: é necessário identificar os elementos e características, compreender as variações, interpretar e vislumbrar as escolhas culturais no passado. No alto rio Madeira, após uma década de estudos realizados por diversos pesquisadores, damos os primeiros passos na identificação da grande variabilidade nas tecnologias cerâmicas e contextos arqueológicos.

Há ainda um incipiente envolvimento dos coletivos na pesquisa e gestão do patrimônio arqueológico no sudoeste amazônico. O único curso de graduação em Arqueologia na Amazônia Meridional é recente, sendo fundamental o fomento de políticas que garantam o ingresso e a permanência dos estudantes na universidade, incluindo as cotas étnico-raciais e ações afirmativas, na construção de um espaço de debates, e a formação de profissionais conscientes do seu papel político e social. Além disso, poucas instituições promovem a Musealização da Arqueologia na região, e há ainda pouco diálogo e colaboração entre elas.

Nas universidades, apesar dos planos pedagógicos preconizarem a integração entre ensino, pesquisa e extensão, há dificuldades na implementação e curricularização da extensão⁵. Nos cursos de Graduação e Pós-graduação em Arqueologia, para além das disciplinas voltadas para a discussão sobre a extroversão e socialização dos bens arqueológicos, como Educação Patrimonial, Arqueologia Pública e Museologia, a própria pesquisa, desde a elaboração do projeto até o acondicionamento dos materiais na reserva técnica, envolve o diálogo, a comunicação, participação e colaboração entre pesquisadores e as pessoas das comunidades. Apesar disso, há ainda uma baixa inclusão de ações educativas nos projetos acadêmicos de arqueologia e é dada pouca importância à publicação das ações de extroversão dos conhecimentos produzidos com os materiais arqueológicos, mesmo no contexto do licenciamento ambiental, em que há a obrigatoriedade da inclusão de projetos de Educação Patrimonial pela Portaria IPHAN 230/2012 (BEZERRA, 2010).

Apesar de todo esforço empreendido na pesquisa arqueológica da região, resultando na identificação de centenas de sítios, na análise de milhares de objetos e na construção de narrativas importantes sobre a história indígena na longa duração e sobre os encontros coloniais, sabemos pouco sobre as relações que as pessoas das comunidades

⁵ A Resolução nº 7 MEC/CNE/CES, de 18 de dezembro de 2018, estabelece um mínimo de 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular dos cursos de graduação.

têm com esses materiais, com a paisagem, e sobre o impacto das nossas pesquisas nesses diferentes contextos. Questionamo-nos sobre quantas publicações abordam a socialização dos conhecimentos produzidos na arqueologia na região, sobre quais são as ações educativas e o seu alcance e quais são as reflexões críticas decorrentes dessas abordagens.

Se o campo, o laboratório, a reserva técnica, a sala de aula são espaços potenciais de diálogo e participação, onde surgem e se contrapõem diferentes visões e interpretações sobre a cultura material, o patrimônio, as paisagens, como essas experiências se refletem na transformação das nossas práticas, metodologias e posturas? Como podemos de fato torná-los espaços de discussão, de reivindicações, de repúdio ao racismo e a todas as formas de opressão, de descolonização da nossa prática?

Nas oficinas, o preparo das esteiras, das cuias, coleta das argilas e outros materiais, proporciona trocas de saberes tradicionais, transmitidos ao longo das gerações, entre docentes, estudantes de Arqueologia – os quais são representantes dos coletivos e agentes na construção de conhecimentos e pontes – e pessoas das comunidades. As experiências, que variam nos contextos das diferentes comunidades, promovem reflexões e reorientaram a nossa prática.

O planejamento e posterior realização ou não das oficinas reflete as dificuldades que enfrentamos, tanto na Universidade quanto nas escolas das comunidades, na implementação de processos educacionais permanentes e contínuos. Se, por um lado, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos estudantes de Arqueologia é no deslocamento até a Universidade, por dependerem de transporte público oneroso e ineficiente, nas escolas das comunidades as atividades são constantemente interrompidas por falta de transporte terrestre e fluvial para os estudantes. O direito à educação pública, gratuita e de qualidade encontra seus entraves no acesso e permanência, principalmente em função dos cortes nos orçamentos destinados ao ensino e pesquisa no nosso país. As ações de extensão nas comunidades somente são possíveis graças ao esforço pessoal da equipe, às redes e parcerias que garantem a realização das viagens de barco ou carro, a estadia e alimentação, fortalecendo laços de solidariedade entre os diferentes agentes envolvidos.

Nas oficinas, as peças arqueológicas e outras coisas, como cestos e esteiras trançados, cuias, pigmentos, sementes e seixos, mediam e conectam memórias e histórias. A agência das pessoas através do olhar, do toque e da manipulação das coisas, a transformação da argila em objetos através de diferentes gestos, a compreensão das escolhas técnicas na confecção do pote e a agência das coisas sobre as pessoas transforma percepções e promove reflexões a respeito da alteridade e diversidade cultural. As atividades, na maioria das vezes pontuais, permitiram apenas uma primeira aproximação com os coletivos. Temos um longo caminho a trilhar na busca de processos mais participativos, colaborativos e simétricos.

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas citadas no artigo. A todas/os/es colegas e estudantes do DARQ/UNIR que colaboraram nas oficinas, especialmente Henrique, Reginaldo, Pedro, Kelvim, Paulo, Edclei, Sylvania, Rafaela, Mayara, Elizabeth, Lúcia, Julia, Andefábio, Juliana, Eduardo. A todas/os/es colaboradores externos da UNIR, especialmente das comunidades, pelo apoio e acolhimento. À Angislaine, ao Cliverson, à Francisca e ao Adriano pelo apoio na elaboração do artigo. À PROCEA/UNIR pelo incentivo e apoio à extensão. As/aos pareceristas e equipe editorial da Revista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Fernando Osório. *A Tradição Policroma no Alto Rio Madeira*. 2013. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- ALMEIDA, Fernando Osório; ROCHA, Bruna. Uma tradução do clássico de DeBoer e Lathrap: “O fazer e o quebrar da cerâmica Shipibo-Conibo”. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 11, n. 1, p. 315-339, jan.-abr. 2016.
- AMOROSO, M. R. Corsários no caminho fluvial: Os Mura do rio Madeira. In: CARNEIRO da CUNHA, Manuela (org). *História dos Índios do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 297-310.
- BARCELOS NETO, ARISTÓTELES. A cerâmica Wauja: matérias-primas e processos técnicos. *Revista do Museu de Arqueologia*. São Paulo: v. 15-16, p. 357-370, 2005-2006.
- BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto; BETANCOURT, Carla Jaimes. *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN, 2016.
- BESPALEZ, Eduardo; ZUSE, Silvana; VENERE, Pedro Pedraza; SANTI, Juliana Rossato. Arqueologia no sítio Santa Paula, alto Madeira, Porto Velho/RO, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, Belém, v. 15, n. 2, 2020.
- BERTOLO, Ana Izabela. *Uma contribuição à história da arqueologia no município de Porto Velho, Rondônia: sobre a práxis e a produção de conhecimento*. 2014. Monografia (Graduação em Arqueologia). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014.
- BERTOLO, Ana Izabela. *Perspectivas dos processos de Musealização do Patrimônio Arqueológico no estado de Rondônia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2017.
- BEZERRA, Márcia. O público e o patrimônio arqueológico: reflexões para a arqueologia pública no Brasil. *Hábitus*, v. 1, n. 2, p. 275-295, jul/dez. 2003.
- BEZERRA, Márcia. Nossa herança comum: considerações sobre educação patrimonial na arqueologia amazônica. In: PEREIRA, Edite; GUAPINDAIA, Vera (Orgs.). *Arqueologia Amazônica*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi/IPHAN/SECULT, v. 2, p. 1021-1035, 2010.
- BEZERRA, Márcia. “As moedas dos índios”: um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, v. 6, n. 1, p. 57-70, jan.-abr. 2011.

- BEZERRA, Márcia. *Teto e afeto: Sobre as pessoas, as coisas e a Arqueologia na Amazônia*. Belém: GK Noronha, 2017.
- BRUNO, Maria Cristina. Estudos de Cultura Material e Coleções Museológicas: Avanços Retrocessos e Desafios. In: GRANATO, M.; RANGEL, M. F. *Cultura Material e Patrimônio da Ciência e tecnologia*. Museu de Astronomia e Ciências Afins- MAST. Rio de Janeiro, 2009, p. 14-24.
- BRUNO, Maria Cristina. Musealização da Arqueologia: caminhos percorridos. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n. 2, v.27, n. 1, p. 4-15, 2013-2014.
- CABRAL, Mariana. De cacos, pedras moles e outras marcas: percursos de uma arqueologia não-qualificada. *Amazôn., Rev. Antropol.* (Online), v. 6, n. 2, p. 314-331, 2014.
- CABRAL, Mariana Petry; PEREIRA, Daiane; BEZERRA, Márcia. Patrimônio Arqueológico na Amazônia: a pesquisa, a gestão e as pessoas. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 38, p. 247-268, 2018.
- CARNEIRO, Carla Gibertoni. Educação patrimonial e arqueologia: alguns aspectos desta interface. *Amazôn., Rev. Antropol.* (Online), v. 6, n. 2, p. 442-458, 2014.
- CORRÊA, Ângelo Alves. *Pindorama de mboia e iakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi*. 2014. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- COSTA, Angislaine Freitas. *A multifuncionalidade da cerâmica no sítio Ilha Dionísio, alto rio Madeira*. 2016. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Rio de Janeiro, 2016.
- COSTA, Angislaine Freitas; Gomes, Denise. Cavalcanti. A multifuncionalidade das vasilhas cerâmicas do alto rio Madeira (séculos X-XII d.C): comensalidade cotidiana e ritual. *Revista de Antropologia*, 61(3), 52-85, 2018. doi: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2018.152040>.
- CREVELS, Mily; VAN DER VOORT, Hein. The Guaporé-Mamoré region as a linguistic area, In: MUYSKEN, P. *From linguistic areas to areal linguistics* Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins. 2008, p. 151-179.
- DAVID, Nicholas; KRAMER, Carol. *Ethnoarchaeology in action*. Cambridge: University Press, 2001.
- DeBOER, Warren; LATHRAP, Donald. The making and breaking of Shipibo-Conibo ceramics. In: KRAMER, Carol (Ed.). *Ethnoarchaeology: implications of ethnography for archaeology*. New York: Columbia University Press, 1979. p. 102-138.

- ERIKSEN, Love. *Nature and culture in prehistoric Amazonia: using G.I.S. to reconstruct ancient ethnogenetic processes from archaeology, linguistics, geography, and ethnohistory*. 2011. Tese de doutorado. Universidade de Lund, Lund, Dinamarca, 2011.
- GNECCO, Cristóbal; ROCABABO, Patrícia Ayala (Eds.). *Pueblos indígenas y arqueología en América Latina*. Bogotá: Fundación de Investigaciones Arqueológicas Nacionales/ Banco de la República/ CESO, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de los Andes, 2010.
- HECKENBEGGER, Michael. *Os Povos do Alto Xingu. História e Cultura*. FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael (eds). Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001, pp. 21-62.
- HECKENBEGGER, Michael. Rethinking the arawakan diaspora: hierarchy, regionality, and the Amazonian Formative. In: HILL, Jonathan; Santos-Granero, Fernando (Orgs). *Comparative arawakan histories: rethinking language family and culture area in Amazonia*. Urbana: University of Illinois Press, 2002, pp. 99-122.
- HILL Jonathan D.; SANTOS-GRANERO, Fernando. *Comparative arawakan histories: rethinking language family and culture area in Amazonia*. Urbana: University of Illinois Press, 2002.
- HORNBORG, Alf; HILL, Jonathan D. *Ethnicity in ancient Amazonia: reconstructing past identities from archaeology, linguistics, and ethnohistory*. Boulder: University of Colorado Press, 2011.
- INÁCIO, Rachel L. C.; MONTEIRO, Julia L.; HERMÍNIO, Joice H.; PIMENTA, Ingrid; OLIVEIRA, Alexsandro S.; BARROS, Evânia L.; ZUSE, Silvana. Conservação dos acervos arqueológicos em Rondônia: uma experiência de diagnóstico de Reservas Técnicas no município de Porto Velho. *Caderno 4 Campos – PPGA/UFPA*, n. 1, p. 58-68, 2020.
- KATER, Thiago. *O sítio Teotônio e as reminiscências de uma longa história indígena no Alto Rio Madeira*. 2018. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.
- KATER, Thiago. A temporalidade das ocupações ceramistas no sítio Teotônio. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, Belém, v. 15, n. 2, 2020.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.
- LEONEL, Mauro. *Etnodicéia Uruéu-au-au*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

- LEMONNIER, Pierre. *Elements for an anthropology of technology*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1992.
- LEMONNIER, Pierre. *Technological choices: transformation in material cultures since the Neolithic*. London: Routledge, 1993.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014.
- MACHADO, Juliana S. Arqueologia Indígenas, os Laklãnõ Xokleng e os objetos de pensar. *Revista de Arqueologia*, Belém, v. 26, n. 1, p. 72-85, 2020.
- MACIEL, Márcia Nunes. *Tecendo tradições indígenas*. Tese (Doutorado em História)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- MILLER, Eurico T. *Inventário arqueológico da bacia e sub-bacias do rio Madeira, 1974-1987*. Porto Velho: Consórcio Nacional de Engenheiros Construtores S.A., 1987.
- MILLER, Eurico T. Adaptação agrícola pré-histórica no Alto Rio Madeira. In B. J. Meggers (Org.), *Prehistoria Sudamericana: nuevas perspectivas* (pp. 219-229). Washington: Taraxacum, 1992.
- MINDLIM, Betty. *Moqueca de maridos, mitos eróticos*. Betty Mindlin e narradores indígenas. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- MENENDEZ, Miguel A. (1992). A área Madeira-Tapajós: situação de contato e relações entre colonizador e indígenas. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.), *História dos índios no Brasil* (pp. 281-296). São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- MONGELÓ, Guilherme Z. *O formativo e os modos de produção: ocupações pré-ceramistas no Alto Rio Madeira-RO*. 2015. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- MONGELÓ, Guilherme Z. *Outros pioneiros do sudoeste amazônico: ocupações holocênicas na bacia do Alto Rio Madeira*. 2019. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- MONGELÓ, Guilherme Z. Ocupações humanas do Holoceno inicial e médio no sudoeste amazônico. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, Belém, v. 15, n. 2, 2020.
- NEVES, Eduardo G.; WATLING, Jennifer; ALMEIDA, Fernando O. A arqueologia do alto Madeira no contexto arqueológico da Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, Belém, v. 15, n. 2, 2020.

- NIMUENDAJU, Curt. As tribos do Alto Madeira. In: Nimuendaju, C (Org). *Textos indigenistas*. São Paulo: Loyola, 1982, p. 111-122.
- NIMUENDAJU, Curt. *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.
- NOELLI, Francisco Silva, As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. *Revista de Antropologia*, v. 39, n.2, São Paulo, p. 7-53, 1996.
- NOLETO, Cleiciane A. *Transformações culturais na Amazônia durante o Holoceno Médio: contextualização do surgimento das terras pretas a partir da indústria lítica do sítio Garbin (RO)*. 2020. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2020.
- PENIN, André; ZIMPEL, Carlos Augusto; SILVA, Valéria Ferreira. O Curso de Bacharelado em Arqueologia na Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). *Arqueologia em Debate – Jornal da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, n. 3, p. 23-26, junho 2011.
- PEREIRA, Daiane. O “roubo das urnas”: a relação do patrimônio arqueológico salvaguardado e os coletivos humanos. *Revista Hábitus*, v. 17, n. 1, 2019, p. 39-52.
- PESSOA, Cliverson. Arqueologia e Museu na Trajetória Histórica de Ary Pinheiro. *Revista História & História*, 2012.
- PESSOA, Cliverson. *Os contextos arqueológicos e a variabilidade artefactual da ocupação Jatuarana no alto rio Madeira*. 2015. Dissertação (mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.
- PESSOA, Cliverson; COSTA, Angislaine. Um quadro histórico das populações indígenas no Alto rio Madeira durante o século XVIII. *Amazônica, Revista Antropologia*, 6 (1), p. 110-139, 2014.
- PESSOA, Cliverson; ZUSE, Silvana; COSTA, Angislaine; KIPNIS, Renato; NEVES, Eduardo. Aldeia circular e os correlatos da ocupação indígena na margem esquerda da Cachoeira de Santo Antônio. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 15(2), e20190083. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0083.
- RIBEIRO, Loredana. Crítica feminista, arqueologia e decolonialidade: sobre resistir na ciência. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n.1, p. 210-234, 2017.
- ROCHA, Bruna Cigaran; BELETTI, Jaqueline; PY-DANYEL, Anne Rapp; MORAES, Claide; OLIVEIRA, Vinícius Honorato. Na margem e à margem: arqueologia amazônica em territórios tradicionalmente ocupados. *Amazôn., Rev. Antropol.* (Online) 6 (2): 358-384, 2014.

- RODRIGUES, Aryon. A classificação do tronco linguístico Tupí. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 3(2), p. 197-203, 2011. doi: <https://doi.org/10.26512/rbla.v3i2.16259>
- ROSTAIN, Stéphen. “C’est curieux chez les Amazoniens ce besoin de faire des vases”: alfareras Palikur de Guyana. In: BARRETO, Cristina.; LIMA, Helena. P.; JAIMES BETANCOURT, Carla. (org). *Cerâmicas arqueológicas na Amazônia: rumo a nova síntese*. Belém, MPEG, IPHAN, 2016, p. 97-114.
- ROSTAIN, Stephen; SAULIEU, Geoffroy de; Jaime Betancourt, Carla; HIDALDO, Carlos Duche. *Manga Alpa: cerâmica indígena de la Amazonía ecuatoriana*. Equador: Ekseption Publicidad, 2014.
- RUFINO, Alyne M. “De colecionadores a ladrões de raio”: comercialização e tráfico de peças arqueológicas. 2015. Monografia (Graduação em Arqueologia). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015.
- SCHIFFER, Michael; SKIBO, Jaimes. The explanation of artifact variability. *American Antiquity*, 62(1), 27-50, 1997. doi: <https://doi.org/10.2307/282378>
- SILVA, Fabíola. *As Tecnologias e seus significados: um estudo da cerâmica dos Assuriní do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva Etnoarqueológica*. 2000. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade de São Paulo, São Paulo; 2000.
- SILVA, Fabíola. Tipos cerâmicos ou modos de vida? Etnoarqueologia e as tradições arqueológicas cerâmicas na Amazônia. In *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN, 2016, p. 40-49).
- SILVA, Fabíola; NOELLI, Francisco. Arqueologia e linguística: construindo as trajetórias histórico-culturais dos povos Tupí. *Revista Crítica e Sociedade*, 7(1), 55-87, 2017. doi: <https://doi.org/10.14393/RCSv7n1-2017-39256>
- SILVA; F. A.; BESPALAZ, E; STUCHI, F. F. Arqueologia colaborativa na Amazônia: terra indígena Kuatinemu, rio Xingu, Pará. *Amazônica*, Belém, 3(1), p. 32-59, 2011.
- SILVA, Maurício. *Memórias e Histórias no sudoeste amazônico: o Museu Regional de Arqueologia de Rondônia*. 2015. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SILVA, Maurício. O Museu Regional de Arqueologia de Rondônia e os desafios da diversidade cultural no presente. In: CRURY, Marília X. (Org). *Direitos indígenas no Museu: novos procedimentos para uma nova política: a gestão de acervos em discussão*. São Paulo: Secretaria da Cultura: ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016.

- TIZUKA, Michelle. *Geoarqueologia e paleohidrologia da planície aluvial Holocênica do rio Madeira entre Porto Velho e Abunã*. 2013. Dissertação (Mestrado em Geociências). Departamento de Geologia, UNESP, Rio Claro, 2013.
- VIDAL, Jean-Jacques A. *A cerâmica do povo Paiteer Suruí de Rondônia: continuidade e mudança cultural, 1970-2010*. 2011. Dissertação (Mestrado em Artes). UNESP, São Paulo, 2011.
- WATLING, Jennifer; SHOCK, Myrtle; MONGELÓ, Guilherme; ALMEIDA, Fernando; KATER, Thiago; OLIVEIRA, Paulo; NEVES, Eduardo. Direct archaeological evidence for South-western Amazonia as an early plant domestication and food production center. *Plos one*, p. 1-28, 2018. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0199868>.
- WATLING, Jennifer; ALMEIDA, Fernando; KATER, Thiago; ZUSE, Silvana; SHOCK, Myrtle; MONGELÓ, Guilherme; BESPALÉZ, Eduardo; SANTI, Juliana; NEVES, Eduardo. Arqueobotânica de ocupações ceramistas na Cachoeira do Teotônio. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 15, n. 2, e20190075, 2020. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0075
- WICHERS, Camila. Dois enquadramentos, um mesmo problema: os desafios da relação entre Museus, Sociedade e Patrimônio Arqueológico. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n. 2, v.27, n. 1, p. 16-39, 2013-2014.
- ZUSE, Silvana. *Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no Alto rio Madeira. Rondônia*. Tese de doutorado- Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- ZUSE, Silvana. Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no Alto rio Madeira. In: Cristiana Barreto; Helena P. Lima e Carla Jaimes Betancourt (org). *Cerâmicas arqueológicas na Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: MPEG, IPHAN, 2016, p. 385-401.
- ZUSE, Silvana; COSTA, Angislaine; PESSOA, Cliverson; KIPNIS, Renato. Tecnologias cerâmicas no alto rio Madeira: síntese, cronologia e perspectivas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 15(2), e20190082, 2020. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0082.